

### **Outros jeitos de se comunicar**

#### **Acho que vamos ter que viver mais um pouco para que as regras de boa conduta dos novos jeitos de nos comunicarmos**

Hoje em dia, organizamos nosso pensamento para que ele possa ser comunicado por meio de alguns meios modernos de comunicação: telefone --fixo ou celular--, interfone, e-mail, Whatsapp, Skype, Facebook e outros tantos.

São sistemas que usamos não só para ampliar as áreas de atuação de nossa mente: alguns deles possuem memória, outros somente estabelecem contato instantâneo entre duas ou mais fontes.

O que importa é que contamos com a possibilidade de nos comunicar de forma quase imediata com um sem-número de interlocutores. Esses sistemas foram um milagre muito aplaudido quando do seu aparecimento, até que se tornaram intrusos. Hoje, criamos jeitos de evitá-los ou controlá-los.

Há muito pouco tempo, era tudo tão diferente! Há 20 anos, e-mail e celular não passavam de promessas. Pouquíssimos privilegiados de sociedades mais desenvolvidas tinham acesso a essas formas de comunicação instantânea.

Há 50 anos não fazia muita diferença se um sobradinho tinha campainha ou não. Os moradores atendiam tanto quem tocava a campainha como quem batia palmas no portão. Há menos de cem anos, nem mesmo campainhas existiam. Os vendedores e visitantes anunciavam-se em alto e bom som.

A campainha foi um aperfeiçoamento para o nosso bem e para o mal. Podia ser também alvo de brincadeiras de mau gosto, tipo tocar campainha e sair correndo. E então, a campainha e o telefone adquiriram funções diferentes: o telefone foi devagarzinho substituindo a comunicação de corpo presente.

Agora, é só ligar, encomendar e esperar a entrega. Por um lado, a comunicação pessoa a pessoa ficou mais próxima. Por outro, mais distante, intermediada por telefones, e-mails ou mensagens de texto.

Hoje só precisamos saber que horas são em Paris para não perturbar os amigos ou parentes por lá, pois a ligação telefônica é instantânea.

Setenta anos atrás, quando a Segunda Guerra terminou, quem queria falar com a família na Europa ou qualquer outro lugar distante, precisava ir à Telesp, agendar a ligação com antecedência --de dias, às vezes-- e permanecer a postos, esperando ser chamado a ocupar uma das cabines. Na rua 7 de Abril, em São Paulo, os bares em frente à Telesp faturavam a rodo.

O celular, então, é um caso à parte. Em qualquer lugar, a qualquer hora, o mundo está à disposição do mundo. Mas não é só um prêmio --invadir o outro é tão fácil quanto premiar o outro. Todos estamos permanentemente sob ameaça de sermos interrompido por um "trim", necessário ou banal.

Surpreendemo-nos quando ligamos para um celular e não somos atendidos. Se você me deu o seu número, tenho o direito de imaginar que serei atendido no momento em que eu ligar. Chega às raias da grosseria não atendê-lo. Essa é a etiqueta do celular: deu o número é porque se propõe a atender.

Acho que nós vamos ter que viver mais um pouco para que as regras de boa conduta dos novos jeitos de nos comunicar forneçam mais informações sobre o que é privado ou público. Tudo isso até aparecer um outro jeitinho de eu me comunicar com você.

Jornal Folha de São Paulo	Data 28/06/2015	Caderno Opinião	Página A-3
------------------------------	--------------------	--------------------	---------------

**ANNA VERONICA MAUTNER** é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e autora de "Cotidiano nas Entrelinhas" (Ágora)